

a gazeta

editorial | 2

"Certamente não é a primeira vez que a humanidade é assolada por grandes tragédias humanitárias tais como esta pandemia"

GABRIELA SEBEN

digressões | 3

"Quem sabe o melhor caminho é a inspiração, a busca de outras saídas, a abertura para novas escolhas, para situações antes não exploradas. E se, mesmo assim, a solução não surge, o que nos resta é continuar tentando encontrar um novo roteiro para chegar em algum lugar... de verdade."

KENIA BALLVÉ BEHR

biblioteca | 10

Su casa mi casa

MARIANA BAUERMANN

Histórias de captura:
investimentos mortíferos
nas relações mãe e filha

GABRIELA SEBEN

arte e cultura | 9

agenda | 11



15

a gazeta

Número 15
Dezembro de 2021
Distribuição Gratuita

Editora

Kenia Ballvé Behr

Equipe de Redação

Clarissa Salle de Carvalho
Gabriela Seben
Kenia Ballvé Behr
Larissa Roggia
Mariana Lütz Biazzi

Projeto Gráfico

Guilherme Mautone

Diagramação

Carlos Tiburski

Impressão

Ideograf (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

81 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.
Capa em Couché com
revestimento em Prolan
Fosco. Miolo em Off-Set.

CONSTRUCTO
instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.

www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

51 3343 3364
51 98119 1944

Todos os direitos reservados

editorial

por Gabriela Seben



Canção do dia de sempre

Mais um ano chega ao seu fim. E não foi um ano qualquer! 2021 foi marcado por inseguranças, incertezas e muitas perdas. Mas também em 2021, apesar de tudo, uma pandemia que parece interminável começa a dar sinais de arrefecimento após o advento da vacina, possibilitando pouco a pouco os reencontros, os abraços, as trocas de afeto. Seguimos cautelosos, acompanhando as notícias. A ameaça invisível segue nos espreitando com as novas variantes que vão sendo descobertas. Mas é preciso manter o cuidado e a esperança para seguirmos em frente.

Certamente não é a primeira vez que a humanidade é assolada por grandes tragédias humanitárias tais como esta pandemia, e a recomposição econômica, social e psíquica de cada um dependerá de muitos fatores. Será preciso lançar mão de nossas defesas e de nossos recursos internos para sobrevivermos psiquicamente. Um novo jeito de viver nos convida não apenas a uma adaptação, mas também a uma necessária criação. O formato híbrido de trabalho e ensino, por exemplo, parece ter vindo para ficar, e podemos nos beneficiar muito dessa novidade.

Ao término de cada ano são comuns reflexões sobre o que passou e o modo como conduzimos as situações em nossas vidas: um balanço dos acontecimentos, como forma de renovar as expectativas e as esperanças em nós mesmos. Em retrospecto, o trabalho d'A Gazeta deste ano foi o de proporcionar à instituição as novidades sobre o que é produzido por aqui e fazer circular o pensamento sobre os diversos temas que buscamos abordar. Na últi-

ma Gazeta do ano, a proposta é falar um pouco sobre a arte, uma saída sublimatória que nos inspira a criar. O escritor José Eduardo Agualusa em uma fala livre em webinar realizada no início deste ano disse que a arte, e mais especificamente a literatura, nos aproxima das pessoas, faz com que nos coloquemos no lugar do outro. A arte, para aqueles que sabem apreciá-la, aguça a nossa sensibilidade e nos faz experimentar um sem número de mundos novos. Que possamos então apreciá-la sem moderação! E que em 2022 possamos renovar as esperanças em nós mesmos e em todos que nos cercam.

Finalizo com um poema de Mário Quintana sobre recomeço. Que seja inspirador!

Canção do dia de sempre

Tão bom viver dia a dia...
A vida assim, jamais cansa...

Viver tão só de momentos
Como estas nuvens no céu...

E só ganhar, toda a vida,
Inexperiência... esperança...

E a rosa louca dos ventos
Presa à copa do chapéu.

Nunca dê um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.

Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!

E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas,
Atiro a rosa do sonho
Nas tuas mãos distraídas...

Mário Quintana

digressões

Terça Psi
online
Como será o
amanhã?
2022

Terças Psicanalíticas



Terça Psi
online

edição de Raquel Moreno Garcia (RS)

"Como será o amanhã?", com os partici

LIVE NO
YouTube
youtube.com/constructo

Kenia Ballvé Behr

Na última Terças Psicanalíticas do ano de 2021 fomos convocados pela Comissão das Terças - Pacha, Tati e eu - para dizer alguma coisa a respeito do que nos inspirava a música "O amanhã", uma mú-

sica de Simone, cantada por ela e por outros cantores. Assim nasceu um encontro que juntou psicanálise, humor, dores, desamparo, devires, busca de respostas, esperanças.

A comissão d'A Gazeta entendeu que a publicação dessas reflexões e dessa espécie de despedida do ano de

2021 tinha um lugar especial em nosso folhetim... Mesmo não sendo possível a publicação das falas na íntegra, aqui temos as principais ideias de cada um, na ordem em que elas ocorreram. Infelizmente ficaram ausentes as discussões, na verdade muito interessantes...

Como pensar 'viver o amanhã' sem antes refletir em como vivemos 2021?

Tatiana Gomes

Psicanalista, colagista. Graduada em psicologia pela Uninassau. Autora das tirinhas *Tatithoughts* e do livro *Des-conexão, Coração: entre perdas e ganhos e Aqui tem uma mulher que fala*

Não se trata de uma pergunta posta para nos martirizar com o que fizemos ou deixa-



digressões

mos de fazer, se alcançamos a famosa melhor versão, ou se conseguimos *ticar* uma série de itens da nossa lista de planejamento para esse ano. Me recuso a articular o humano como uma máquina que está sempre à disposição de um outro, fazendo *uploads* e atualizações para um melhor desempenho.

Byung Chul Han, um filósofo sul coreano, em seu livro “Sociedade paliativa - a dor hoje”, aponta para os estragos os quais já colhemos de um bom tempo para cá quando nos deixamos tragar por essa lógica. A lógica do desempenho.

Então, com que sentido estou colocando aqui essa pergunta: “como vivemos 2021?”

De uma maneira que seja possível pensarmos nos modos como cada um se virou em mais um ano que atravessamos uma pandemia, que incidiu sobre cada corpo de uma maneira singular. E que ainda não acabou.

Começo tecendo alguns elogios à psicanálise e à arte...

Que me ensinam, dentre várias coisas, a não me precipitar em responder rápido demais, podendo dar lugar a um momento de ver, para só *a posteriori* elaborar. Não sem restos.

Um trecho da música ‘a flor e o espinho’ me parece dizer um pouco sobre isso: ‘tire o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor’

Considerar outros recortes antes de embarcarmos nos clichê que vem junto dos votos de feliz ano novo nos permite abrir um espaço que por vezes é colocado de lado pela própria vida acelerada a qual nos ocupamos em viver.

Me parece que a palavra aceleração fala um tanto de como 2021 foi vivido. Neste ano pudemos inclusive escutar áudios de *WhatsApp* em velocidade 2x. Em outros aplicativos esse

recurso também passou a estar disponível. E o que será que isso nos diz?

O divã, um dispositivo analítico, no qual deitamos quando é possível prescindir do olhar do analista, passou a ser nossa cama, uma cadeira, o estofado do carro, o meio fio da calçada... Nele há lugar para as dores, para as histórias de cada um, para as pequenas alegrias de viver, para o desamparo de nossa condição humana, escancarado mais ainda pela pandemia. E por mais que tentemos falar em velocidade 2x a voz do analista pode nos interromper a qualquer momento, e aquele nosso ato falho indesejado também. Na análise algo irrompe, marcando um antes e um depois, sem a contagem regressiva que nos prepara para receber um ano novo que não é tecido sem os restos e rastros dos anos velhos.

Então de que forma nos servimos do trecho de uma música que afirma ‘tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor’? A meu ver a beleza da psicanálise está principalmente em não recuar frente ao que por vezes, através de nossos próprios mecanismos de defesa, procuramos evitar olhar. Viver o amanhã não é possível sem dar lugar às dores de ontem que se fazem presentes hoje.

Relato então um sonho que fiz recentemente...

Estava em um prédio feito de vidro, o piso e as paredes eram de vidro. E eu observava uma neve caindo lá fora junto de algumas pétalas de flor de cerejeira. Lembro de pensar: que bonito o inverno e a primavera ocupando o mesmo espaço. E resolvia tirar meu celular do bolso pra capturar algo daquela cena. Quando apontei a câmera para o céu me via na tela como se a parede não fosse somente de vidro mostrando o lado de fora, mas também fosse espelho onde eu enxergava o lado de dentro. Por alguns ins-

tantes aquela imagem do céu parecia um mar. Então ao mesmo tempo eu estava num prédio olhando para o alto, mas também em um lugar submerso, no mar... Que pode causar medo e entusiasmo pelo desconhecido que ali habita. Foi um sonho que me mostrou a inquietante confusão entre o dentro e o fora, a ambivalência de supostos opostos dividirem o mesmo espaço. Apesar da estranheza, o belo pôde se fazer presente. Ressoou como um convite para pensar a morte e a vida entrelaçadas. O horror e a alegria de viver podendo convocar a uma dança que em alguns momentos precisamos deixar o sorriso de lado para passarmos com as nossas dores, não sem elas.

Para viver o amanhã tem algo do não-saber em jogo. Mas se uma análise nos convida a olhar pro dentro/fora, a dizer do prazer/dor, a contar as nossas histórias... Alguns traços, alguns restos vão nos trazendo notícias de como amamos, gozamos e desejamos, e de que maneira nos posicionamos na vida. Nesse sentido, não é como se fosse possível prever os próximos dias de todo, mas, através do que se repete, do que insiste, temos notícias de como podemos viver o amanhã. A aposta que faço com a psicanálise e a arte de mãos dadas está em recorrer ao belo e ao humor para poder abordar o que desanda. São antidotos para a minha neurose de cada dia, que funcionam como remédios, remendos, arranjos para não me entregar a um adoecimento. São formas de bordejar os acontecimentos que se assentam sempre em um ponto de imprevisibilidade, mas que também incluem o que insiste em retornar para o mesmo lugar.

Deixo aqui então essas palavras para darmos início à conversa. Para viver os próximos dias é preciso saber olhar.

Um palimpsesto de devires

Pacha Urbano

Ilustrador, escritor e roteirista. É o autor de *Filho do Freud*, uma série de histórias em quadrinhos que mistura humor e Psicanálise. Com a Editora Zás, publicou *As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud - Quem é esse tal de Édipo?*, em 2013, e *As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud - Onde está o meu falo?*, em 2015. Em 2017, publicou *As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud - Por que tudo sexual?*

A pesar do desafio embutido no convite, seria muito difícil negar a possibilidade de elucidar sobre 2022. Nada nos preparou para os anos de 2020 e 2021. Provavelmente nada vai nos preparar para 2022, nem nas coisas boas e nem nas ruins. E no entanto, ainda como um exercício de imaginação, me pus a pensar sobre as muitas possibilidades que um ano traz, e o que fica como resíduo de anos anteriores. À maneira dos restos diurnos em um sonho, a bagagem não despachada de afetos e angústias de anos passados ficam pesando em nossas mãos, se imiscuem em nossas memórias e momentos presentes.

A imagem que me ocorre é a do palimpsesto, que em grego antigo seria algo “escrito outra vez”. Palimpsestos eram manuscritos em pergaminho que, por sua escassez, eram raspados com uma pedra pome para poderem ser reutilizados. Por seu sucessivo reuso, conservavam vestígios do que havia sido escrito antes, formando uma sobreposição de várias escrituras. Pensei, então, que essa era uma muito boa analogia - e também uma alegoria - para se começar a pensar o efeito dessa sobreposição diante de tantas transformações que a gente vem presenciando, e sendo atravessa-



dos, ao longo desses anos. Sobretudo agora, nesses dois últimos anos com a pandemia.

Para pessoas como eu, que nasceram no século XX, presenciar um número absurdo de mudanças tecnológicas e avanços no campo social, pode ter sido assustador. Todo esse progresso - e aqui não faço juízo de valor, mas sim o sentimento de progressão, de sucessão irrefreável de acontecimentos - fez muitas dessas pessoas sentirem-se alarmadas, e com isso quisessem pisar no freio, aferrando-se ao que conseguiam ainda vislumbrar o que consideram familiar e cômodo no palimpsesto do *ethos* social. Ao não enxergar o todo dessa escritura temporal, vão atrás de resgatar uma idealização, um passado que nunca houve. Essa regurgitação que não traz nutrientes novos, apenas substratos do alimento que já foi processado, cria uma sensação de segurança, apesar do sabor ágrio. Ou seja, ruminam o desgosto do passado como algo idílico, como a memória duma refeição em que se refestelaram. Essa necessidade de reafirmar um passado idealizado, esse conservadorismo que eclode pelas frestas dos dias em nossa sociedade, é só isso: estamos ainda sufocados pelo passado mal digerido, pensando nos dissabores do futuro, em estado de irritação momentânea com o presente.

Nos tornamos vultos. Ao menos

uma parte de nós, os que tiveram o privilégio de conseguir manter, de alguma maneira, durante o distanciamento social solicitado houve uma descaracterização, e fomos perdendo parte da nossa habilidade momentânea de vestir outras máscaras, nos fez deixar de flexionar o músculo da habilidade de nos movimentarmos em outras esferas. No Brasil somos uma maioria de pobres, e estas pessoas não puderam atravessar a quarentena como nós, trabalhando de casa, fazendo *home office*, em que o próprio termo já é elitista. Imagine, considerar que existe um lugar dentro de nossa casa que abrigasse exclusivamente o nome trabalho asséptico de escritório, para além da existência doméstica, quando boa parte da população sequer tem saneamento básico, ou vivem de trabalhos em que seus corpos se fazem necessários no mundo.

Neste palimpsesto de dias muito parecidos do confinamento, ainda vislumbramos aquele passado que parecia um paraíso em relação ao nosso presente, essa irritação momentânea entre o amanhã e o ontem. Pensar o ano de 2021, nas condições sociais, econômicas e políticas em que o Brasil se encontra hoje, é muito parecida com o conceito que criei da Merdrióska, que é uma Matrióska, aquelas bonecas russas, em que uma maior abriga uma menor, e esta menor outra ainda menor, só que feita de merda. Foram

digressões

vários acontecimentos absurdos demais e que afetaram nossa psique, e como entusiasta da Psicanálise, é impossível pensar em sujeitos, seja analisando ou analisados, sem serem atravessados pelos acontecimentos do mundo exterior.

Estamos muito próximos de um colapso ambiental irreversível. Conseguimos incendiar diuturnamente a Amazônia e o Pantanal com incentivo do governo, reduzindo a cinzas biomas inteiros. Vimos nos noticiários cenas que parecem coisa de filme de Hollywood, como nuvens de poeira colossais que cobriram cidades do interior do Brasil, enterrando casas, pessoas, vegetação e animais. E a gente às vezes não faz uma relação entre estes pequenos apocalipses. A primeira vez que me ocorreu isso foi quando aconteceu, por negligência, o rompimento de uma barragem industrial que apagou do mapa a cidade de Mariana, em Minas Gerais. Todas aquelas memórias, tudo o que fizeram dentro daquela cidade, por aquelas ruas, naqueles paralelepípedos, os seus álbuns de fotos, os seus documentos, tudo isso apagado. Porque, se a gente lembrar do que Heraclito falou há quinhentos anos antes de Cristo, que não se pode cair no mesmo rio duas vezes porque ele muda, para aquelas pessoas o “rio” não está mais lá de fato. Se a memória é uma reconstrução e um reaproveitamento, um palimpsesto, como aquela comunidade vai lidar com esse devir?

A gente destampa mais uma Merdrioska e encontra outra. Vivemos em um país que queima quilômetros e quilômetros de floresta, escanteando populações animais e humanas, como os povos indígenas inteiros sendo constantemente empurrados para áreas onde suas memórias não estão, para poder criar gado e plantar alimentos para exportação. Somos talvez os maiores exportadores de carne bo-

vina e de alimentos do mundo, e em setembro deste ano vimos uma imagem chocante: acorado no interior de um caminhão frigorífico, um homem cata em uma pilha de ossos algo para poder dar de comer à sua família. A foto de Domingo Peixoto, para o Jornal Extra, feita aqui numa zona central da cidade do Rio de Janeiro, deixou a todos perplexos pela brutalidade da realidade brasileira. É um tipo de apocalipse mais lento, através da indiferença, em um nível muito mais sutil e rebuscado.

Nós, que temos alguma previsibilidade dos acontecimentos da nossa vida, que temos trabalhos em que a gente consegue planejar o mês, ou mesmo anos, o devir é possível e anelado. Para outras pessoas essa estabilidade está no campo da fantasia, porque não chega nela essa previsibilidade dos dias para além do horror. Como uma pessoa em situação de absoluta vulnerabilidade social, desabrigada, que precisa recorrer a dormir nos degraus de um edifício. Onde alguém vai lá e gasta dinheiro para fundir metal e fazer um aparato hostil que inviabiliza esse descanso, que é um descanso para além do físico, um descanso psíquico também. A necessidade desse sujeito é muito maior do que isso, ele precisa dormir, ele vai enfrentar essa hostilidade apesar disso e se colocar em uma situação de desconforto para poder dormir por cima desses aparatos. Nós permitimos esse tipo de coisa. Porque sim, existe um apocalipse acontecendo lá fora, mas não se trata apenas da Covid-19. Como seria a psicanálise lidando com as angústias desses sujeitos? Onde essas pessoas encontrariam voz para poder falar de si com alguma ideia de devir? Porque quando a gente busca análise, a gente vai atrás de um devir muito parecido com o que Deleuze e Guattari falam, de transformação constan-

te: muda o desejo, muda o sujeito, e o desejo muda outra vez através da inconstância.

Bom, é preciso que a gente faça uma digestão de tudo isso.

Precisamos recuperar o desejo sincero de querer modificar as coisas, mas precisamos limpar a nossa mente de resíduos que atrapalham essa mudança. Espero que as pessoas consigam colocar o devir em marcha sobre essas iniquidades. Em meu trabalho procuro fazer isso através do jogo, do brincar, em que uso o humor e a arte para imprimir alguma revelação através do riso, como instrumento de violência contra o *establishment*, contra o que *status quo*, resgatando o humor da ótica freudiana de subversão e de defesa. Encontrar esse tom não é fácil. Vários colegas quadristas, ilustradores, chargistas, humoristas, se debruçam no ofício de usar a arte como ferramenta sublimatória possível, individual e coletiva. O apocalipse está se movimentando, faz Capitalismo lá fora, e precisamos deixar de ser vultos e voltarmos a ser figura. Sermos validados pela existência do outro implica também permitir que o outro seja sujeito, seja figura. O devir se trata disso, a gente vai movendo nossos desejos, nossas necessidades e conflitos com o mundo anterior, promovendo algum tipo de mutação interna em direção a um futuro promissor. Como Nietzsche, encarando a potência criativa como ferramenta de estar e transformar o mundo, não estar em vão, entender nosso devir como uma presença propositiva. O devir é um milissegundo de cada vez, nosso apocalipse também, e precisamos entendê-lo como a origem dessa palavra: uma revelação. Que possamos todos chegar firmes à 2022, não a firmeza da imobilidade, mas da fibra para encarar os devires possíveis. ●

O pensamento mágico e nosso desamparo

Kenia Ballvé Behr

Psicóloga, psicanalista, sócia-fundadora e docente da Constructo, editora da Constructo Revista de Psicanálise, fundadora e parte do Grupo Jean Laplanche Brasil.

Conceituo o pensamento mágico, em psicanálise, como uma crença através da qual certos pensamentos levam à realização de desejos e à tentativa de impedir situações perigosas ou desagradáveis. Na verdade é um ataque ao reconhecimento da realidade e ao próprio pensamento, substituindo a realidade de fato por uma realidade “inventada”. Essa magia não se limita às palavras e ao pensamento, estando presente em inúmeros recursos utilizados pelos adultos, atribuindo poderes a objetos que seriam capazes de concentrar energia e produzir efeitos específicos.

Trata-se de um recurso necessário para que a criança possa aceitar determinadas verdades da vida, as quais ela ainda não tem maturidade para viver. Trata-se de um recurso que faz parte da constituição do psiquismo infantil. Se a criança ainda não tem condições de encarar algumas verdades, é preciso que ela recrie essas verdades para poder aceitá-las de uma forma menos traumática. Quando esse componente do funcionamento infantil existe ou persiste no adulto, para escapar às ansiedades e aos desprazeres inevitáveis da vida, se está frente a um funcionamento imaturo, mais ou menos grave, dependendo da forma e da intensidade como se apresenta.

Acreditar que o ser humano tem o poder de mudar o mundo através do pensamento ou da fala não é uma atitude somente das crianças. O pensamento mágico está por trás das fan-

tasias onipotentes nas psicoses, apoiados nas defesas maníacas, quando o sujeito sente que tem controle absoluto sobre tudo e sobre todos. Teria a ilusão, e mesmo a certeza, que ele não está sujeito às leis que são aplicadas aos outros, seja em relação à natureza, ao tempo, à morte. A partir de estudos antropológicos, nos remontamos a comportamentos de tribos e de comunidades indígenas em que, frequentemente, seus membros se utilizam de cantos sagrados para afastar seus inimigos, para chamar a chuva, para pedir proteção de seus deuses, para curar doenças e ouvir espíritos...

Os mitos estão na origem do pensamento mágico, que se confundem com esses mitos. Os mais emblemáticos estão presentes nas teorias elaboradas pelas crianças para dar respostas àquilo que para elas é incompreensível.

Seguindo um roteiro, proposto por Laplanche, conhecido como teoria da sedução generalizada, tentemos entender como isso vai acontecendo no psiquismo infantil. Quando o bebê nasce encontra uma realidade totalmente desconhecida no mundo onde chega. Não tem um psiquismo e não possui capacidade para dar conta de suas necessidades de sobrevivência. Alguém tem que estar ali para suprir essa profunda dependência e desamparo do bebê humano. É o adulto que tem que se encarregar disso. E é nesse encontro entre os dois coadjuvantes que vai se constituir o psiquismo infantil. Uma relação de assimetria, fundamentalmente em relação à sexualidade, o que vai marcar para sempre a presença do sexual no funcionamento psíquico daquele sujeito. Quero dizer, um adulto atravessado pelo sexual, portador de um inconsciente que, ao

atender as necessidades autoconservativas de sua cria, transmite-lhe algo mais; e uma criança que ainda não tem um psiquismo que possa traduzir essa mensagem que vem do outro, essa relação com o outro. Um adulto ativo frente à passividade inevitável da cria.

Para falar mais claramente... O bebê tem fome, a mãe oferece o leite para dar conta de sua necessidade, que ele próprio não conseguiria suprir. Mas junto com o leite propicia o contato da cria com seu próprio corpo, com o bico de seu seio, o que está além daquilo que o bebê solicitou. Um contato que inclui algo de sua sexualidade. O seio que alimenta também causa uma excitação. O adulto não tem intenção, nem consciência do que transmite e a criança não tem como entender isso que recebe, essa ‘mensagem enigmática’. A partir desta e de todas as outras inúmeras mensagens que recebe na relação com esse adulto, surge no bebê uma necessidade de compreender o que é isso, o que são essas sensações que vai sentindo. Trata-se de uma necessidade de tradução dessas mensagens carregadas de enigmas, tradução inicialmente impedida, tanto pela ausência de um aparelho psíquico, como por não existirem os códigos que lhe dariam suporte para tal. Esses códigos estão na cultura e lhe serão oferecidos pelos adultos, para que a criança possa, aos poucos, construir suas traduções a respeito de seus enigmas.

Assim a criança vai construindo teorias que, inicialmente, são construções ‘do tamanho que seu psiquismo tem’, quero dizer, atravessadas por sua onipotência, por uma percepção/fantasia de mundo em que mais existe o princípio do prazer do que de realidade, fazendo traduções

digressões

que a preservam de se enfrentar com frustrações que ela ainda não é capaz de tolerar.

Só na medida em que o psiquismo da criança vai se complexizando, e que ela vai reconhecendo a alteridade e aceitando a realidade que o mundo não funciona exatamente como ela gostaria, é que sente-se capaz de situar-se num espaço em que cada vez menos precisa do pensamento mágico para estar no mundo. Mas isso vai depender também do quanto traduziu seus enigmas e do quanto deixou um espaço para ser criativa, para posicionar-se diante do inesperado, porque experimentou sua capacidade de ver-se frente a enigmas e enfrentá-los.

Pensemos, então, no conceito de desamparo, na impotência do recém-nascido humano, que é incapaz de um comportamento auto suficiente, dependendo inteiramente do outro para a satisfação de suas necessidades, incapaz de pôr fim à sua tensão interna sem o auxílio alheio. Para além do desamparo físico, há o desamparo psíquico, ligado à angústia de perda ou de separação, com aumento progressivo de tensão, incapacidade de dominar incertezas e excitações. Uma vivência que expressa a dimensão fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana.

Como nos disse Freud, o homem ergueu a civilização em uma tentativa de diminuir seu desamparo diante das forças da natureza, dos enigmas da vida e da própria morte. Algo do humano que nos ronda e nos confronta com nossa condição de incompletude e de fragilidade.

O mal estar sempre existiu, o sofrimento psíquico também, assim como as tentativas de nos livrarmos deles, embora as razões para tal vão se modificando na medida em que o tempo passa. Por exemplo, enquanto Freud deparava-se com uma cultura que cer-

ceava o indivíduo, impedindo a satisfação das pulsões sexuais e agressivas, hoje vivemos em uma sociedade que cultua a liberdade individual como valor absoluto e hegemônico, estimulando a busca de prazer constante, o que resulta em uma experiência de insuficiência e fracasso. Deparamo-nos, então, com manifestações de dor psíquica motivada mais pela exigência de prazer do que pela restrição ao prazer. É inevitável reconhecermos a insuficiência dos mecanismos que nós mesmos criamos para socorrer-nos em nosso desamparo!

E para ir me encaminhando para o final desta fala, não posso deixar de mencionar a situação que nos envolve a todos, no mundo todo, há quase 2 anos, em que vivemos uma situação que mais uma vez nos sacode em nosso desamparo.

A resposta sobre “o amanhã” do covid não tem como ser encontrada nem no interior do sujeito, nem em seu mundo exterior. Por melhor sustentação amorosa que um sujeito possa ter tido, vinda de adultos que se encarregaram de seus cuidados iniciais de vida, garantindo a ele possibilidades para enfrentar adversidades, não lhe garantem encontrar respostas para a situação atual. Nenhuma confiança interna sustenta a incerteza dos fatos. E a ciência também não lhe oferece essa resposta – foram identificadas as causas que levaram a hipóteses sobre o que está ocorrendo com o vírus, dúvidas sobre como se combate esse mal, embora constantemente questionadas por novos avanços do vírus que contestam as hipóteses anteriores...

Pensemos também que esse sujeito com uma boa estruturação psíquica, afetivamente bem organizado, capaz de uma relação adequada com seu interior e com o mundo externo, sem a necessidade de manter uma

ilusão entre percepção e realidade, sem precisar recriar o mundo quando se enfrenta com decepções, sem a utilização de pensamentos mágicos... também ele sente-se desamparado com a falta de respostas sobre o amanhã!!!

Freud diz que a vida que nos é imposta é pesada, trazendo dores, desenganos, tarefas difíceis, mas que temos algumas formas para enfrentar essas situações traumáticas. Na verdade, existem muitos métodos através dos quais o sujeito obtém felicidade e mantém-se afastado do sofrimento, mas nenhum deles nos permite alcançar tudo que desejamos ou afastar a sombra do desamparo original - inevitavelmente dentro de nós -, quando enfrentamos situações difíceis! Nem mesmo o amor tem essa força!

Cada um tem que encontrar o seu melhor caminho para chegar aonde quer. Algumas destas escolhas estão atravessadas por soluções mágicas, que projetam na bola de cristal, na palavra da cigana ou nos búzios, em Deus, a resposta mágica para o que está ocorrendo e para encontrar uma solução do problema. Ainda mais embalados por esse ritmo alucinante do samba, que nos seduz e nos empurra a “viagens maravilhosas”! Que nos embale por alguns minutos, mas que possamos voltar à lucidez... Expectativas e esperanças mágicas trazem soluções também mágicas, quem sabe trágicas. E embora esse encontro alivie a angústia e aparentemente faça desaparecer o desamparo, tudo não passa de uma ficção...

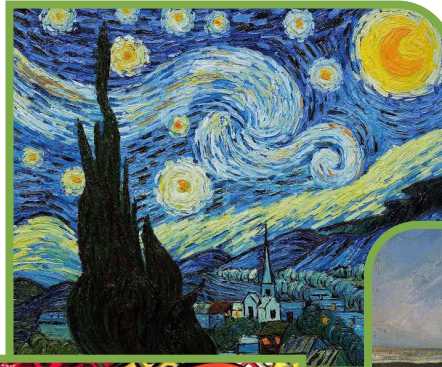
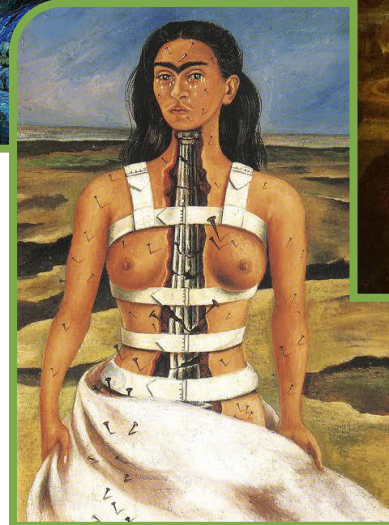
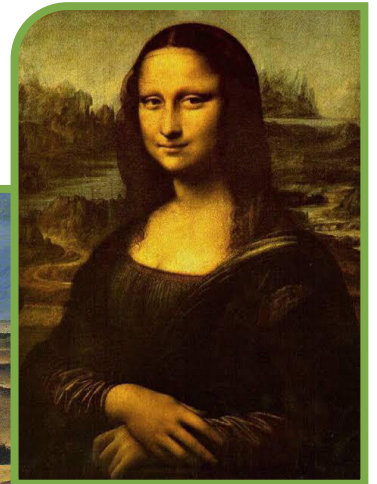
Quem sabe o melhor caminho é a inspiração, a busca de outras saídas, a abertura para novas escolhas, para situações antes não exploradas. E se, mesmo assim, a solução não surge, o que nos resta é continuar tentando encontrar um novo roteiro para chegar em algum lugar... de verdade. ●

arte e cultura

por Larissa Roggia



Destinos da pulsão: sublimação

Alberto Giacometti –
“Grande Nu”, 1961Vincent Van
Gogh – “A noite
estrelada”, 1889Pablo Picasso – “Garota
em frente ao espelho”, 1932Frida Kahlo –
“A coluna partida”, 1944Leonardo da Vinci –
“Mona Lisa”,
“A Gioconda”,
1503-1506

Como sabemos, um dos quatro destinos da pulsão, em Freud, é a sublimação. Destacamos obras de artistas famosos que são exemplos desse

destino. Através da sublimação / inspiração eles deixaram um precioso legado para a humanidade. Uma bela via de expressão que tem origem no mundo inter-

no, que não cansamos de admirar! Acima trazemos algumas das obras da criação artística que, ao longo da história, despertaram o interesse da psicanálise. ●

PROGRAMAÇÃO
PRIMEIRA PARTE
REALIZADA EM PARCERIA COM
O LIPSIC

15 de outubro 2021

17h00 - Abertura: Luiz Carlos Tarelho
(Coordenador do Colóquio)
Primeira mesa
Inspiração e intuição: uma conversa entre
Laplanche e Bion
17h15 - Paulo de Carvalho Ribeiro (UFMG)
17h45 - Marina F.R. Ribeiro (IPUSP/LIPSIC)
Intervalo: 18:15 - 18:30
Segunda mesa
Da identificação narcísica à simbolização:
uma conversa entre Laplanche e
Roussillon
18h30 - Elisa M. de Ulhôa Cintra (PUC -
SP/LIPSIC)
19h00 - Maria Teresa de Melo Carvalho
(UFMG)
19h30 - 20h30 - Debate

ABERTO AO PÚBLICO PELOS CANAIS DO
YOUTUBE DO LIPSIC E DA CONSTRUCTO

II Colóquio Jean
Laplanche Brasil

Kenia Ballvé Behr

Aconteceu em 15 e 16 de outubro de 2021, na cidade de São Paulo, o II Colóquio Jean Laplanche Brasil, coordenado por Luiz Carlos Tarelho, com o tema “Entre sedução e inspiração: como situar o Eu?”. Teve o apoio do Insitut de France/Fondation Jean Laplanche, do Lipsic (USP/PUC/SP) e da Constructo Instituição Psicanalítica.

Ao lado divulgo a programação do evento, que contou com a apresentação de temas muito interessantes e debates enriquecedores. Os temas trabalhados estarão no segundo livro do grupo, que será publicado em março de 2022. Ao mesmo tempo, as principais ideias serão apresentadas em duas lives que ocorrerão nessa mesma época.

De acordo com nossa programação o III Colóquio terá Belo Horizonte como sede, em 2023. ●

biblioteca

por Mariana Bauermann



Su casa mi casa: entre o Pacífico e o Atlântico, 11 mil quilômetros e muitas histórias

**Ano:** 2021**Editora:** Besouro Box**Autora:** Mariana Bauermann

Homens são narrativas. Ainda que de forma indireta, estamos sempre falando um pouco de nós. Sentenças verbais, sonhos, gestos, vestimentas, olhares, silêncios. Palavras escritas. Ao contar histórias, organizamos os estímulos externos e reelaboramos os acontecimentos.

No início da pandemia do coronavírus, iniciei o processo de escrita do meu livro. Isolada nos cômodos de casa, não havia mais desculpas para postergar este desejo. Eu sabia que tinha uma boa história e queria dividi-la com outras pessoas. Além disso, é sabido entre nós, psicólogos, que períodos de angústias podem ser uma potência para todo artista.

SU CASA MI CASA, minha obra de estréia, traz o relato de uma viagem realizada em 2019, ocasião em que eu e André, meu marido, percorremos de carro todo o território do sul dos Estados Unidos, de costa a costa. No total foram noventa dias e onze mil quilômetros de estrada. De maneira leve e sensível, busquei transportar os leitores para a paisagem de lugares como Novo México, Texas, Louisiana, Mississippi e Tennessee, com a descrição de situações inusitadas, curiosidades, experiências únicas e, é claro, alguns contratempos.

O humor, elemento identificado pelos leitores no meu texto, é um recurso que me auxilia a compreender melhor a mim mesma e aos outros. No momento em que o foco da história é a nossa interação com os anfitriões, vejo que conecto os leitores com a sua própria humanidade e suas faltas, o que gera identificação.

Admito que este projeto é um verdadeiro desafio quanto à livre escrita. No meu dia a dia de trabalho como psicóloga e professora de Psicologia, vejo que esta habilidade foi restringida ao vocabulário técnico e à estrutura engessada de laudos e artigos acadêmico-científicos, sem tanto espaço para a criatividade. Como a criança que se diverte com suas brincadeiras e transforma sua realidade, em SU CASA MI CASA escrevo com o coração.

Sei que minha trajetória de vida renderia publicações diversas, passando por conquistas, superações, tristezas e situações rotineiras sem grande relevância. O que eu me proponho a trazer neste livro é um recorte no tempo – a descrição de um período de alegria, surpresas e liberdade. As linhas horizontais foram redigidas por mim, agora é a hora de cada leitor tecer as verticais, fazendo sua própria interpretação.

agenda

> Metapsicologia freudiana I

Coordenação: Ignácio Paim Filho (primeiro semestre) e Silvia Skowronsky (segundo semestre)

Horário: terças-feiras, às 14h

Local: Porto Alegre

> Psicopatologia II

Coordenação: Simone Accetta Groff

Horário: quartas-feiras, às 14h10

Local: Porto Alegre

> Técnica II

Coordenação: Beatriz Camargo

Horário: quartas-feiras, às 14h

Local: Porto Alegre

> Metapsicologia freudiana III

Coordenação: Beatriz Camargo

(primeiro semestre) e Jocitacler

Bolsoni (segundo semestre)

Horário: terças-feiras, às 11h30

(primeiro semestre); terças-feiras,

às 11h (2º semestre). **Local:** Porto Alegre

> Técnica III

Coordenação: Luciana Kroeft

Horário: terças-feiras, às 14h10

Local: Porto Alegre

> Metapsicologia pós-freudiana I

Coordenação: Elisabeth Guarnier

Horário: quartas-feiras, às 16h10

Local: Porto Alegre

por Gabriela Seben



Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha



Trata-se de um livro que convida a pensar as relações mãe e filha, desde o momento da constituição psíquica - em que o esperado é que haja um investimento amoroso e libidinal da mãe em direção à sua cria -, até um outro tipo de investimento materno, onde o que é projetado pela genitora sobre sua filha é algo que, longe de abastecê-la libidinalmente, captura o seu desejo e cria obstáculos à própria existência.

A escrita de Ana Cláudia coloca luz em um território sinistro e um tanto obscuro, no qual as relações entre mães e filhas nem sempre transcorrem de uma forma tão amorosa. A autora levanta questões sobre a formação de duplas em que uma - no caso, a mãe - cobra um alto preço pela desistência da outra - a filha - que sequer chega, por isso, a constituir-se como alguém separado e independente, como um sujeito portador de desejos. Deste modo, não se trata de uma morte factual, mas de um impedimento de ver-se crescida, autônoma e com liberdade para saber de si, fazer escolhas e percorrer caminhos próprios. Por exemplo, a filha de uma mãe, identificada neste livro como 'fállica', tem seu lugar definido como responsável por assegurar a não castração e a não mortalidade da mãe.

O livro propõe refletir e apontar aberturas e saídas possíveis para este difícil modelo de relação, para que a mesma possa adquirir características até então inexistentes nos investimentos mortíferos. Ana Claudia enfatiza ainda a necessidade de trabalhar esses aspectos na clínica psicanalítica, para criar a possibilidade de uma vida mais autoral, de existência própria e de maior protagonismo. ●

Ano: 2021

Editora: Blucher

Autora: Ana Cláudia Meira

por Mariana Lütz Biazzi



> Metapsicologia pós-freudiana III

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

Horário: terças-feiras, às 16h10

Local: Porto Alegre

> Psicopatologia infantil II

Coordenação: Maria Beatriz Tuchtenhagen

Horário: terças-feiras, às 11h30

Local: Porto Alegre

> Seminário clínico

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Horário: quartas-feiras, às 16h

Local: Porto Alegre

> Psicopatologia I

Coordenação: Jocitacler Bolsoni

Horário: quintas-feiras, às 19h30

Local: Passo Fundo

> Grupo de Estudos: Silvia Bleichmar

Coordenação: Raquel

Moreno Garcia

Horário: sextas-feiras, às 11h30

Local: Porto Alegre

> Seminário:

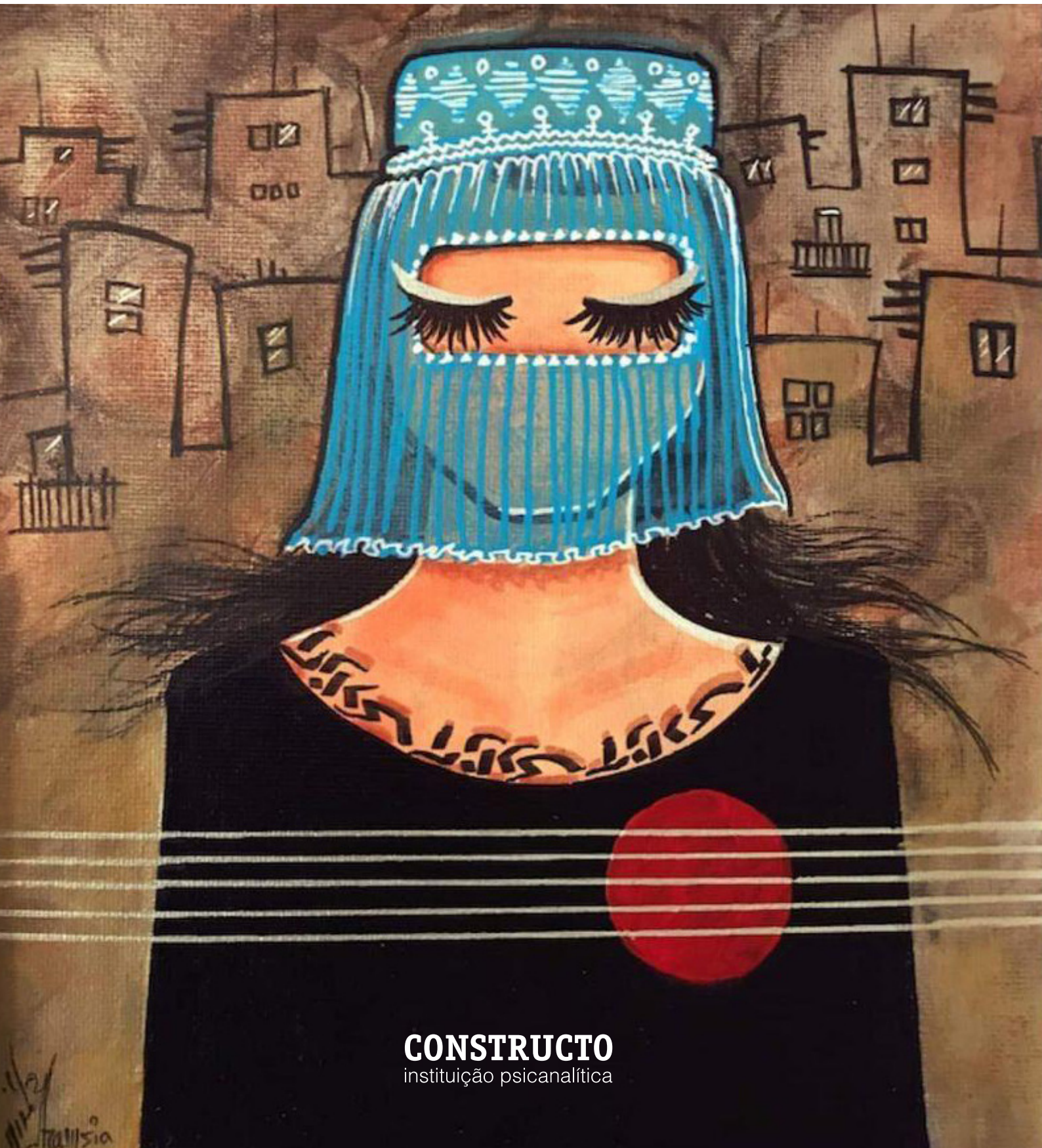
O pensamento de Jean Laplanche

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Horário: terças-feiras, às 19 horas

Local: Porto Alegre

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.



CONSTRUCTO
instituição psicanalítica